



SIMPÓSIO AT004

PROPOSTA DE ANÁLISE DO VERBO *TOMAR* NO QUADRO DA TLG

SOUZA, José Wellisten Abreu de.

Universidade Federal da Paraíba (UFPB/DLPL)

josewellisten@hotmail.com

COSTA, Thiago Magno de Carvalho.

Universidade Federal da Paraíba (UFPB/PROLING)

magnodecarvalho@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, objetiva-se discutir a sistematização da estrutura semântica do verbo *tomar*, considerando exemplos intuitivos, visando defender a tese de que estamos diante de uma estrutura polissêmica. Assim sendo, assume-se como aparato teórico principal a TLG de Pustejovsky (1995). Para tanto, parte-se da acepção do verbo *tomar* enquanto item dicionarizado, em seguida, apresenta-se uma proposta de estrutura argumental via TLG para esse verbo. Com isso, busca-se responder aos seguintes questionamentos metodológicos: (a) quais propriedades semânticas estão subjacentes na relação entre o verbo *tomar* e os argumentos a ele associados? e (b) de que forma a associação entre o verbo *tomar* e seus argumentos permitem ou não caracterizá-lo como um verbo leve? Acredita-se que a produtividade semântica do verbo *tomar*, ora funcionando como verbo pleno, ora como verbo leve, permite à conclusão de que tal item lexical depende dos outros elementos presentes na sentença, isto é, a interpretação semântica do verbo *tomar* é feita composicionalmente, fruto da atuação do mecanismo gerativo da co-composicionalidade.

Palavras-chave: TLG; verbo leve; co-composicionalidade.

Abstract

This paper aims to discuss the systematization of the semantic structure of the Portuguese verb *tomar* (*take*), considering some intuitive examples, in order to defend the thesis that we are facing a polysemic structure. Therefore, Pustejovsky's (1995) LG is assumed as the main theoretical apparatus. To do so, the study begins with the meaning of the verb *tomar* as a dictionary item, then an LG argument structure proposal for this verb. Thus, we try to answer





the following methodological questions: (a) which semantic properties are underlying the relationship between the verb *tomar* and the arguments associated with it? and (b) how does the association between the verb *tomar* and its arguments enable it to be characterized as a light verb? In short, it is believed that the semantic productivity of the verb *tomar*, either as a full/heavy verb or as a light verb, occurs because the semantic interpretation of this lexical item is made as a result of the generative mechanism of co-compositionality.

Keywords: LG; light verb; co-composicionality

1. Aspectos importantes da Teoria do Léxico Gerativo (TLG)

Uma das abordagens componenciais mais modernas é a proposta da Teoria do Léxico Gerativo (TLG) de Pustejovsky (1995). Esta teoria tem como premissa estudar aspectos já apontados como problemáticos para as teorias de Semântica Lexical, tais como a natureza polimórfica da linguagem, a boa formação semântica, o uso criativo das palavras em contextos novos, a composicionalidade, dentre outros aspectos.

Resumidamente, a proposta de Pustejovsky (1995) objetiva capturar a criatividade lexical e a extensão de sentido, através de uma representação formal, a partir da qual seja possível descrever como as expressões das línguas naturais têm conteúdo semântico e de que modo este conteúdo pode ser modificado em novos contextos.

A interpretação composicional de um item lexical dentro de um contexto é, nesta perspectiva, obtida a partir da associação dos dispositivos gerativos de quatro níveis, sendo preciso, entretanto, considerar um maior ou menor grau de relevância do nível estrutural em relação ao item lexical analisado. Para conseguir alcançar o seu objetivo, pressupondo que “o que ocorre no âmbito da sentença está regulado pelo léxico” (TRINDADE, 2012), Pustejovsky propõe uma estrutura semântica, que além da estrutura de herança lexical, possui outros três níveis de representação para um item lexical:





Esquema das estruturas semânticas de um item lexical

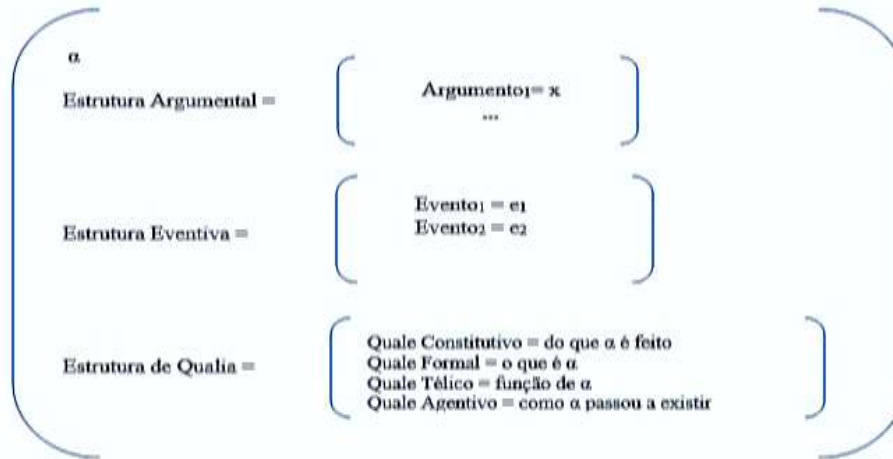


Figura 1 – (Cf. PUSTEJOVSKY, 1995).

Além da proposta de quatro níveis organizacionais do léxico em termos de sua representação semântica, há três mecanismos gerativos responsáveis por conectar esses diferentes níveis, buscando viabilizar a interpretação composicional, são eles: a coerção de tipo, a ligação seletiva e a co-composicionalidade.

Segundo Moura e Pereira (2004, p. 61), a **coerção de tipo** “é uma operação semântica que converte um argumento para o tipo solicitado pela sentença, evitando que haja erro no processo de interpretação”. Assim, por exemplo, um verbo como *começar* exige que seu argumento seja um evento. Caso o argumento utilizado em um contexto não seja um evento, o mecanismo da coerção de tipo atua para que haja uma conversão do tipo de argumento. Dessa forma, só ocorre interpretação de um enunciado como (1) *Eu comecei o livro* desde que acionemos os sentidos de *ler*, ou *escrever*, mais prototípicos, ou outros sentidos possíveis na associação composicional entre “começar e livro”, tais como fazer, encadernar, publicar, paginar, postar etc.

Ainda conforme Moura e Pereira (2004, p. 61), a **ligação seletiva** é o mecanismo através do qual um modificador (adjetivo, por exemplo) “(...) num





sintagma nominal, atua sobre determinado aspecto do nome, (...) a modificação dá-se não para o nome em si, mas para uma de suas características descritas na estrutura qualia” (op. cit.). Um exemplo para atuação deste mecanismo é (2) *Natália é uma cantora incrível*. Nele, conforme a TLG, o significado de *incrível* é determinado pela semântica do substantivo *cantora*, cujo quale formal exige que x (cantor/a) seja uma pessoa (Natália), além disso, o quale télico diz que x (cantor/a) serve para cantar. O modo como x canta pode ser qualificado/avaliado. Nesse exemplo, x é uma pessoa que canta de modo incrível, ou incrivelmente.

Finalmente, destaca-se o mecanismo da **co-composicionalidade**. Tal mecanismo baseia-se “(...) na ideia de que a denotação apropriada de uma expressão dá-se através da interação entre o núcleo e o complemento de um sintagma” (MOURA; PEREIRA, 2004, p. 61). Assim, a interação entre o verbo e os argumentos por ele exigidos é que delimitam o cálculo para a interpretação semântica. Assim, exemplos como (3) *Moisés tomou água* e (4) *Moisés tomou juízo* são possíveis devido à co-composicionalidade. Os argumentos *água* e *juízo* impõem uma mudança de sentido ao verbo *tomar*. *Água* é uma entidade com características físicas [+ concreto], já *juízo* é uma entidade com características mentais, relativas à personalidade [+ abstrato].

Na próxima seção, buscaremos correlacionar os pressupostos estabelecidos nessa breve revisão teórica com os exemplos em que o verbo *tomar* configura uma polissemia lógica.

2. Tomar e polissemia lógica

Acerca da estrutura semântica do verbo *tomar* faz-se importante analisarmos como este verbo aparece enquanto entrada lexical no dicionário. Em Houaiss e Villar (2001, p. 2731), são apresentadas quarenta e oito (48) acepções para o verbo *tomar* e ainda cinco expressões fraseológicas, as quais,





pelo interesse desse trabalho, não serão analisadas. De todo modo, considerando o grande número de acepções diferentes, apresentamos aqui algumas, o suficiente para exemplificar a polissemia do verbo *tomar* tal como descrita no dicionário:

Tomar v. **1** t.d.bit. tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; (...) <costumava t. nossos brinquedos> (...) **2** t.d. promover a conquista ou a invasão de (...) <piratas t. de assalto a nau> **3** t.d. realizar a apreensão ou a prisão de (...) <a polícia tomou o contrabando de cocaína> (...) **6** t.d. lançar mão de; fazer uso de, utilizar <tomou a montaria que lhe pareceu melhor> **7** t.d. receber (ser vivo) junto a si; (...) adotar (...) <tomaram um cachorro para alegrar os netos> (...) **9** t.d. ingerir (alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos) <t. uma refeição> **10** t.d. atrair (o ar, algum pó) aos pulmões; aspirar (...) <t. rapé> (...) **15** t.d. preencher (espaço, local); (...) ocupar <a cama tomava quase todo o quarto> (...) **35** t.d.bit. receber (maus-tratos físicos ou morais); ser vítima de (pancada, surra); levar <t. uma bronca (da namorada)> <t. uma surra (da avó)> (...) **40** t.d. receber (ordem eclesiástica) <t. hábito de monge> (...) **45** t.d. receber (aula, instrução) <tomava aula de piano todas as tarde> (...) **48** bit. pedir emprestado <vive tomando dinheiro aos (dos) amigos> (...) (HOUÍASS; VILLAR, 2001, p. 2731).

A partir dos exemplos apresentados, pode-se inferir que a interpretação do verbo *tomar* depende também dos outros elementos presentes na sentença, em outras palavras, a interpretação semântica do verbo *tomar* é feita composicionalmente. Note-se que a alteração de sentido sofrida pelo verbo *tomar* em “costumava tomar nossos brinquedos”, primeira acepção apresentada pelo dicionário, em relação ao sentido de “tomar uma refeição”, nona acepção apresentada, se dá devido à organização de cada termo no contexto da oração, respeitando-se, nesse processo, as exigências internas do verbo em questão, somadas às características sêmicas das palavras a ele associadas.

Para compreendermos o que ocorre com o verbo *tomar*, faz-se, então, necessário tratarmos da estrutura argumental desse item lexical, visto que





Pustejovsky credita à estrutura de argumentos a importância da “(...) especificação mínima de sua semântica lexical. A estrutura argumental de um verbo pode selecionar quatro argumentos diferentes: argumentos verdadeiros, argumentos *default*, argumentos apagados ou sombreados e os argumentos opcionais (os adjuntos).

Em (5) *Natália tomou uma bebida*, são argumentos exigidos (**argumentos verdadeiros**) pela valência do verbo *tomar* o argumento externo (*Natália*), e o argumento interno (*uma bebida*). A ausência desses argumentos, salvo por elipses contextualmente recuperáveis, impedem a adequada interpretação do contexto frasal.

Já em (6) *Natália tomou uma xícara de café*, observa-se que além dos argumentos verdadeiros, há um especificador para o objeto direto (*uma xícara*), um **argumento default**, que pode ser saturado ou não, complementando o sentido do argumento verdadeiro, deixando claro que não se trata de uma xícara qualquer, mas sim de uma cujo conteúdo é café, justamente porque no contexto enunciativo possível de utilização dessa sentença fez-se necessário delimitar qual conteúdo da xícara (*de café*) o sujeito (*Natália*) tomou.

Por sua vez, em (7) *Mônica tomou a lição de José na aula de ontem*, o **argumento adjunto** da sentença (*na aula de ontem*) pode, tranquilamente, não ser especificado no contexto frasal sem que, para tanto, haja problema para o cálculo semântico. No entanto, diferentemente do que prescrevem abordagens de Gramática Tradicional, no quadro da TLG assume-se uma indissociável importância semântica desse adjunto para a interpretação da sentença, posto que a sua presença delimita aspectos situacionais e espaciais (onde a lição foi tomada = *na aula*, quando a lição foi tomada = *ontem*).

Note-se, por fim, que não apresentamos um exemplo de **argumento sombreado** com o verbo *tomar*. Para a configuração desse tipo de argumento deva haver uma relação direta entre o verbo e o substantivo deverbal dele formado, tal como em *morrer* e *morte*, por exemplo, em (8) *João morreu uma*





morte trágica. Nessa sentença é possível verificar a necessidade de complemento para o verbo *morrer*, especialmente pelo fato de ter sido interesse em uma provável enunciação de especificar qual o tipo de *morte* afligiu João. Se de *tomar* o substantivo *tomada*, por exemplo, fosse seu deverbais, teríamos algo como (9) *João tomou a tomada de plástico*, porém não parece ser esse o caso.

Para finalizar, configura-se como encaminhamento metodológico base para a TLG a apresentação da estrutura argumental do verbo analisado, considerando os tipos de argumentos anteriormente citados. Tomaremos, então, como referência para a representação da estrutura argumental do verbo *tomar* a matriz ARGSTR presente em Back e Aragão Neto (2013).

Esquema de representação da estrutura argumental do verbo tomar

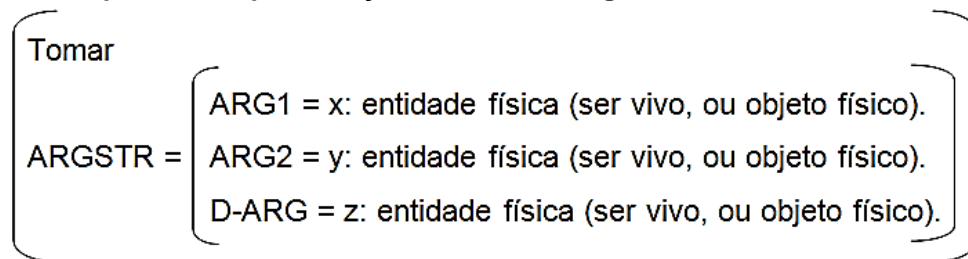


Figura 2 – (Fonte: os próprios autores, 2019).

Isso talvez se deva ao fato de o verbo *tomar* ser um verbo leve. A hipótese de que o verbo *tomar* seja um verbo leve se deve a observação presente em Houaiss e Villar (2001):

(...) em algumas acepções, *tomar* funciona como *verbo pleno*, com seu próprio significado (p. ex. *tomar algo das mãos de alguém* = tirá-lo de sua posse); enquanto em inúmeras outras, faz de *verbo-suporte*, constituindo, com o substantivo (que na gramática tradicional é seu objeto direto), um todo semântico (p. ex., *tomar parte em* = participar; *tomar banho* = banhar-se; tomar ordens = ordenar-se; *tomar uma decisão* = decidir; *tomar assento* = assentar-se etc.). (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2731).





Em suma, a interação entre o verbo e os argumentos por ele exigidos é que delimitam o cálculo da interpretação semântica, talvez pelo fato de o verbo *tomar* se tratar de um verbo leve.

3. Considerações Finais

A produtividade semântica do verbo *tomar* talvez seja fruto da possibilidade de em certos contextos ele funcionar como verbo pleno, já em outros atuar como verbo leve (ou suporte). Entretanto, mantendo nossas premissas teóricas, é possível concluir que a interpretação do verbo *tomar* depende dos outros elementos presentes na sentença, isto é, a interpretação semântica do verbo *tomar* é feita composicionalmente, fruto da atuação do mecanismo gerativo da co-composicionalidade.

REFERÊNCIAS

BACK, Ângela Cristina Di Palma; ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros. Casar um estudo argumental e prototemático. In: **Línguas e instrumentos linguísticos**, v. 31 Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, ISSN 1519-4906, 2013. (p. 49-73). Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao31/edicao31.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo; PEREIRA, Juliana Sell do Vale. A interface léxico-enciclopédia no léxico gerativo: um estudo do verbo preparar. In: **Revisa ANPOLL**, n. 16, p. 57-73, jan./jun. 2004.

PUSTEJOVSKY, James. **The Generative Lexicon**. Camb./Mass: MIT. 1995.

TRINDADE, Mônica Mano. **Um estudo léxico-conceptual da metonímia**. DELTA, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 307-329, 2012.

